CENTENÁRIO DE MARITAIN

Afrânio Coutinho

O centenário de nascimento do notável filósofo francês Jacques Maritain oferece ensejo para recordar a sua figura humana e intelectual. Convertido ao catolicismo por Léon Bloy, afastado antes do clima decimononista de materialismo pela influência de Bergson, cujos cursos freqüentou na juventude, cresceu ele para uma liderança indiscutível por uma atuação firme e coerente e por uma obra extraordinária em que a filosofia desceu às ruas e o pensamento passou para empregar uma expressão de Denis de Rougemant, a "pensar com as mãos".

A convivência com os grandes filósofos da Igreja, um Garrigou Lagrange entre outros, e a admiração de Charles Péguy, levaram-no a penetrar nos meandros do pensamento católico. Estudou a história da filosofia ocidental e compreendeu que residia na **Suma Teológica** de Santo Tomás de Aquino o segredo de qualquer transformação que se quisesse realizar na mente humana e mesmo na organização social e política. Daí o neo-tomismo que adotou e passou a aplicar a todos os setores da vida, desde a política até a estética.

Sua obra é um monumento de inteligência e sabedoria. **Les Degrés du Savoir**, verdadeira obra-prima, sua obra maior, encerram a maior lição que a inteligência moderna pôde conceber, na busca de uma conciliação entre o mundo moderno e suas conquistas na ordem da técnica e da organização social, de um lado, e do outro a tradição herdada dos gênios que, no

passado, construíram a cultura ocidental. Para ele, Santo Tomás constituía a síntese mais feliz, que exigia mais atenção da parte dos homens apressados do nosso tempo. É que ele encerrava soluções ou indicações preciosas, para os problemas dos dias atuais, em todas as áreas.

Seu ponto de partida era o Humanismo. Não acreditava que se pudesse oferecer idéias novas em detrimento do homem. Deveria ele ser o centro de qualquer procupação construtiva, o homem completo, indivíduo e pessoa, ou antes, pessoa, porquanto o indivíduo estava dentro da pessoa humana. Tornou a noção cristã da pessoa humana o centro de sua construção doutrinária, a pessoa síntese de carne e espírito. Humanismo, para ele, era essa fusão fecunda, origem de todas as características da humana criativa. Seu livro **Humanisme Integral**, que tive a honra de traduzir para a nossa língua, apesar de suas inúmeras dificuldades, é uma obra fundamental dentro dessa preocupação de uma reforma da civilização. Através dele, a idéia do personalismo difundiu-se entre os meios que não se enfileiram nas hostes da esquerda ou direita, a estúpida divisão que intoxica o pensamento e a política das últimas décadas.

Embora com um prestígio sem igual na França e fora dela, sofreu ele sempre a oposição dos facciosos daqueles dois grupos, devido a que ele oferecia uma terceira posição que era também progressista. Recordo-me da campanha que, por volta de 1937, moveram contra ele em diversos países da América do Sul, inclusive no Brasil, os partidários da solução direitista, mormente do clero. Tomei parte, àquele tempo, da reação em sua defesa, com outros intelectuais, como Nilo Pereira no Recife, Edgard da Mata Machado em Belo Horizonte, e outros do Centro D. Vital do Rio de Janeiro. Foi uma batalha renhida, um capítulo interessante da história das idéias no Brasil.

Tivera contacto pessoal com o mestre em 1936 na Bahia, ao passar ele de Buenos Aires para a França. Marcara-me profundamente a sua doce fisionomia, inalterável, inspirando respeito e admiração pelo seu ar de santidade.

Depois nos Estados Unidos, encontrei-o novamente. Vivia exilado durante a guerra de 1939, após a invasão da França pelas hordas nazistas. Ensinava em vários estabelecimentos de Nova Iorque, a começar pela Universidade de Columbia. Em toda a parte, os seus cursos atraíam sempre grande número de alunos, entusiasmados ante a sua atitude intelectual aberta a qualquer debate sobre os mais intricados problemas filosóficos. Lembro-me das discussões provocadas por filósofos protestantes ou por agnósticos, quando era posta em prova a sua capacidade dialética e a profundeza e segurança de sua argumentação. Acompanhei-o sempre, nos cinco anos de minha permanência no país. Sua casa era um lugar de encontro da inteligência francesa, sua companheira de exílio, aos domingos, quando ele recebia os amigos e compatriotas. Casa em cujo centro dominava a figura inesquecível de sua Raissa, que ele desposara ainda na Faculdade, e também convertida pelo fogo irresistível de Leon Bloy.

Como afirmei, era poderosíssima sua armação intelectual. Basta que tomemos qualquer de seus livros para vermos como enfrentava galhardamente desde as idéias físicas até os problemas da arte e da literatura. Sua preocupação não era levar o mundo para a era de Santo Tomás, para a Idade Média. O que propunha era a aplicação ao nosso tempo das sugestões e conclusões do pensamento tomista. Não lhe interessava como princípio fecundante o tomismo em si, porém um neo-tomismo, que consistisse numa renovação do complexo doutrinário de nossos dias à luz da doutrina do Doutor Angélico. Esta a grande novidade de sua pregação, que não entenderam bem os reacionários de todas as farinhas, e os revolucionários das idéias feitas. Não se tratava de repetir o tomismo, porém de adaptá-lo às circunstâncias dos dias presentes. Lição imorredoura, mas que não encontrou a devida compreensão, pois só têm ouvidos moucos os homens que dirigem os nossos destinos. Mas não se esqueça aquele homem admirável, aquela figura que roçava pela beatitude e que, depois de haver sido Embaixador de sua pátria no Vaticano, após a Guerra, ter-

minaria os seus dias em clima de santidade num convento do interior da França.

("O Povo" — 4-12-82)